



((DIOGO-CAÃO))



REVISTA ILUSTRADA  
— D E —  
ASSÚNTOS HISTÓRICOS ANGOLANOS

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECIONADOS —



— SUMÁRIO —

As lutas liberais em Angola. — O governador Joaquim Inácio de Lima. — Os governadores João Rodrigues Coutinho, dom Francisco de Almeida e dom Jerónimo. — O convento franciscano de S. José, na cidade de Luanda. — Condomínio português e holandês, de 1641 a 1648. — Flora angolana ou lista de sementes. — Outra vez, os ossos de Salvador Correia. — Os «ENSAIOS» de Lopes de Lima. — Homenagem saúdosa ao ilustre Comandante Paço-de-Arcos.

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

— LISBOA — 1935 —

# «DIOGO-CAÃO»

= CAIXA POSTAL 362 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR e PROPRIETÁRIO

## PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e habilitado com o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista

---

---

Vende-se em LUANDA, nas livrarias :

**MINERVA**, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

**LUSITANA**, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

Preço do número avulso .....	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

Em LISBOA na :

**Parceria ANTÓNIO M. PEREIRA**, Rua Augusta, 48.

Número avulso..... 3\$50

---

---

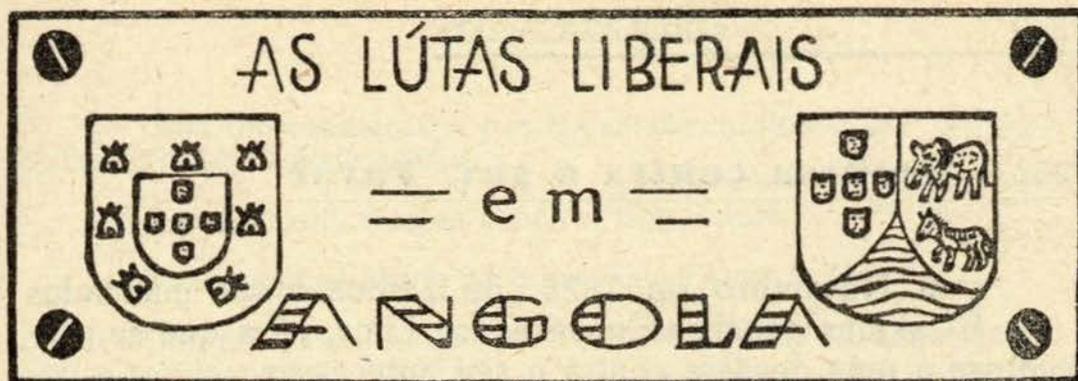
Vendem-se algumas colecções da I e II séries :

Cada uma das séries	}	em brochura	55\$00 ou 70,00
		cartonada...	60\$00 ou 80,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

Cada série de 10 números ..... 30\$00 ou 50,00

(Recebemos Angolares)



(Continuação da pág. 118)



## Capítulo terceiro

### O Governador Joaquim Inácio de Lima

(Julho de 1821 a Janeiro de 1822)

#### 24. — O seu governo



○ CORONEL JOAQUIM INÁCIO de Lima era natural de Pernambuco e bacharel formado em Matemática pela Universidade de-Coimbra.

Foi nomeado governador de Angola por Carta-Patente de 31 de Março de 1821. — (Rio-de-Janeiro: Livro 18 de registo de Mercês de dom João VI, à fôlha 175, v., e Livro 2 das Patentes, à fôlha 54. — Luanda: Secretaria Geral, Livro 29 das Patentes, à fl. 88 e Livro 11 do Senado da Câmara, à fôlha 347).

Tomou posse do governo de Angola no dia 21 de Julho de 1821, a qual lhe foi dada por Manuel Vieira de Albuquerque e Továr.

Era prudente e calmo, mas não agradou, porque... não era possível agradar.

## 25. — Devássa contra o gov. Továr

Em Novembro de 1821, de Lisboa foram mandados alguns papéis ao governador Lima, pãra que se procedesse a uma devássa contra o seu antecessor.

No códice de Angola, número 542, do Arquivo Colonial da Junqueira, existem os seguintes documentos, muito significativos :

— «N.º 5. — 2.<sup>a</sup> via, pela Corveta *Voador*. — Para o gov. de Angola Joaquim Inácio de Lima. Remetendo-lhe Papéis para se proceder à Devássa contra o ex-gov. Továr. — Manda El-Rei, pela Secretaria do Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, remeter ao Gov. de Angola os Papéis constantes da Relação inclusa, assinada por José Maria Frener, Oficial da nossa Secretaria, a fim de que o referido gov. Lima ordene ao Ouvidor da Comarca que proceda sem perda de tempo e com a maior exacção possível à Devássa contra o ex-gov. Manuel Vieira de Albuquerque e Továr, na conformidade das Leis, dando parte por esta Secretaria de assim o haver cumprido. — Palácio de Queluz, em 2 de Nov. de 1821. — Joaquim José Monteiro Tôres.

Da seguinte Relação, cujos documentos seriam de alta importância para alumiar a escuridão dos factos, não conseguimos achar nenhum: talvez estejam deslocados e possam aparecer um dia.

— «Relação dos Papéis, que em Portaria de data desta se remeteram ao Gov. de Angola Lima para proceder à Devássa contra o ex-gov. Albuquerque e Továr :

— Offícios do Ex.<sup>mo</sup> Bispo para o Conde-dos-Arcos, sendo dois dêles documentados.

— Representação do Ouvidor da Comarca de Luanda à sua Majestade, documentada com seis documentos.

— Offício número 150 do ex-gov. Továr, com dois requerimentos do capitão-mór Joaquim Aureliano de Oliveira, dirigido ao Conde-dos-Arcos.

— Dito número 157 do mesmo, com 4 offícios do Ex.<sup>mo</sup> Bispo e 4 públicas formas, dirigido ao Conde-dos Arcos.

— Uma representação à sua Majestade, assinada por 12 Negociantes, com três documentos.

— Dita por Luís Gomes Ribeiro, Negociante.

— Dita por José Maria da Silva Maia Ferreira, dito.

— Dita por José António de Carvalho Figueiredo, negociante e com 4 documentos.

— Dita por Joaquim Aureliano de Oliveira, com 27 documentos.

Secretaria do Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, em 2 de Nov. de 1821. Na ausência do Oficial Maior, — José Maria Frener.

Se um dia fôr encontrada nos nossos arquivos esta carga de documentos, será possível recordar ou fazer renascer perante nossos olhos uma das maiores intrigas políticas de Luanda, cidade fértil e ingénua e . . . perigosa nesta matéria.

\*

Pâra o Ouvidor da Comarca de Luanda foi, na mesma data, enviada a seguinte ordem:

— «Manda El-Rei pela Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar comunicar ao Ouvidor da Comarca de Angola que nesta mesma data se expediram as Ordens necessárias ao Gov. dessa Província, para mandar proceder, sem perda de tempo, à Devássa contra o ex governador Manuel Vieira de Albuquerque e Továr, a cujo respeito sua Majestade manda recordar ao mesmo Ouvidor tôda a brevidade e exacção possível, dando parte por esta Secretaria de Estado de assim o haver cumprido. — Palácio de Queluz, em 2 de Nov. de 1821. — Joaquim José Monteiro Tôres.

Certamente, pelos factos que se desencadearam então em Luanda, não teve seguimento êste processo ou devássa: o que o povo liberal de Luanda desejava, era ver-se livre do governador Továr, o que tinha conseguido.

O governador Továr era inteligente e progressista, mas, como não era constitucional, foi perseguido.

O próprio governador Joaquim Inácio de Lima, por mais que se esforçasse por agradar aos habitantes de Luanda, teve logo contra si desafectos. Como em Lisboa, em Luanda não havia união, mas sim confusão.

## 26. — Queixa contra o gov. Lima

O cidadão Francisco Alexandrino Portela, procurador dos habitantes do Reino-de-Angola, donde também era natural, apresentou ao Soberano Congresso Nacional, na sessão de 31 de Janeiro de 1822, um requerimento, pedindo o *removimento* do governador-general Joaquim Inácio de Lima.

Tal documento está guardado aqui em Lisboa no Arquivo Histórico Militar, cujo edificio fica no chamado Campo de Santa Clara, à rua do Paraíso, n.º 8.

Semelhante notícia desta mesma reclamação do cidadão angolista Francisco Alexandrino Portela se encontra à pág. 103, segunda coluna, da *Gazeta Universal*, do dia 1 de Fevereiro de 1822. Tal assunto foi tratado no Congresso na sessão de 7 de Fevereiro.

Leia-se também o *Diário do Govêrno*, primeiro semestre de 1822, ás páginas 213 e 250.

(Continúa).





Por ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE CADORNEGA

## PRIMEIRA PÁRTE

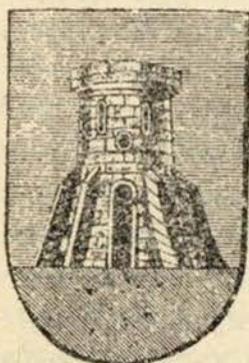
(Continuação da pág. 88)

### Capítulo sexto

O governador João Rodrigues Coutinho. —

Na belicosa Quiçama. — Naus holan-  
desas na costa angolana. — Os governa-  
dores dom Francisco de Almeida e dom  
Jerónimo.

40 Qualificação dos serviços em Angola. — P. P.



NA ÈRA DE 1600 ANOS, VEIO despachado da Majestade Católica de El-Rei Dom Filipe prudente — João Rodrigues Coutinho por governador e capitão geral do Reino-de-Angola e suas Conquistas, trazendo em sua companhia muita gente de guerra, assim portuguezes como alguns machegos versados em as guerras de África, por cuja causa lhes chamavam africanos, com muitas outras preparações afim-de ir por diante com a conquista destes Reinos, principalmente do de An-

gola, para o que trouxe uma Provisão da mão Real, em que havia por qualificados os serviços feitos por seus Vassallos em a conquista do Reino-de-Angola como se foram feitos em África e em suas armadas e nas partes da India; e, porque, depois da tomáda da terra pelo Flamengo se achou esta Provisão autêntica em a Vila da Vitória de Maçangano, — a mandou botar no Livro da Câmara daquela vila o autor desta História, sendo Juiz Ordinário, e o mesmo fez em o da Câmara desta Cidade de S. Paulo da Assunção, vindo de morada para ela e servindo de Vereador mais velho, em tempo que governava êstes Reinos o Governador e Capitão Geral Francisco de Távora, para que a todo o tempo constasse, e o mesmo faz em a trasladar nesta História, para que conste ao curioso Leitor a cõnta que se fazia da Conquista dêstes Reinos, e como se mandavam despachar os Serviços nêle feitos, cujo teor *de verbo a verbo* é o seguinte :

41. Alvará de 20 de Agosto de 1600. — P. P.

**E**u El-Rei: Faço saber aos que êste meu Alvará virem que, vendo eu o quanto importa a meu Serviço e a bem de meus Vassallos prosseguir a conquista que se tem começado do Reino-de-Angola e chegar-se com ela aos têrmos que se deseja, para mais aumento da minha Corôa Real, e que para isto é necessário concorrerem nela Soldados e serem favorecidos e remunerados, com igual prémio, de seus trabalhos e serviços, e que isto se faça com a maior pontualidade, — em que mando por meu Governador e Capitão Geral da Conquista a João Rodrigues Coutinho, fidalgo de minha casa, — pelo presente Hei por bem e me Praz de haver, como de-feito daqui em diante hei, por qualificados os serviços que se fazem na guerra da Conquista assim como por costúme o são — os que me fazem nos logares de África e em minhas Armadas e nas partes da India, para, do modo e maneira que êstes se costumam satisfazer e remunerar, mandar também daqui em diante satisfazer e remunerar as pessoas que na guerra da dita conquista me servirem os Serviços que nêle me fizerem conforme a qualidade e a importância de quem fôrem; em que também mandarei considerar e ter respeito às circunstâncias dêles na fórmula que se faz nas ou-

tras partes; notifico assim a todos meus Ministros Superiores e inferiores a quem o conhecimento disto pertencer, em particular aos do despacho, e lhes mando que às pessoas, que servirem na guerra da dita Conquista, admitam seus papéis e os despachem e consultem na fôrma que neste se contém, porque assim é minha deliberada vontade.

Êste se registrará nos Livros da Casa da India, Mina e de minha Fazenda, e os treslados autênticos dêle se fixarão nos logares públicos na cidade de Lisboa, e se enviarão ao dito Reino-de-Angola, para a todos ser notório, o qual quero que valha tanta fôrça e vigor como fôsse Carta feita em meu nome, por mim assinada e passada por minha Chancelaria, posto que por ela não passe, sem embargo das Ordenações do II livro, títulos vinte e quarenta e nove, que o contrário dispõem.— Manuel Coelho o fez. Madrid, a 20 de Agosto de 1600.— E eu, Luís de Azevedo, o fiz escrever.— REY.— O Conde-de-Ficalho.

Há V. Majestade por bem que daqui em diante sejam qualificados os serviços que se lhe fizerem na Conquista do Reino-de-Angola conforme aos dos logares de África e nas armadas e pârtes da Índia; os quais manda V. Majestade que se satisfaçam conforme a qualidade e importância dêles pela maneira acima declarada, e que não passe pela Chancelaria. (Rúbrica do Secretário Pedralvres Pereira). Registado.— Luís Alvares de Azevedo.— Pagou — náda. E não dizia mais o treslado do Alvará, e se reporta o Autor desta História aos Livros da Câmara desta Cidade de Luanda e aos da Vila da Vitória de Maçangano.

42. Pelejas e recontros com os pretos das margens do rio Quanza. — P. P.

Com tôdas as preparações que ditas são, veio o governador e capitão geral para fazer guerra em a Conquista dêste Reino-de-Angola, o qual o foi pondo por obra, saindo de Luanda com todo o apercebimento para a Conquista, e foi tendo pelo caminho e navegação do rio Quanza pelejas e recontros com o gentio da Quiçama, onde trazia a mira principal da sua conquista; e, aconselhado com os Cabos e Conquistadores práticos nas guerras do sertão, — foi passar o

seu exército, e todo o mais aprêsto, que consigo leváva, o rio Quanza ao-pé da nossa fortaleza de Cambambe, onde lhe veio ter o encontro à passagem do rio aquele belicoso gentio, tendo o nosso general e exército com êle grandíssima peleja, porque todo o gentio numeroso daquela Província se ajuntou em um corpo para êsse efeito, a impedir o passo, que, a seu pesar, com morte de muitos dos defensores e da nossa parte alguns, se não conseguiu.

Passado que foi o nosso podêr com o novo e valeroso Conquistador, foi marchando pela Quiçama dentro para as terras do soba Cafuche, cabeça e principal daquela Província e como rei então dela, sem embargo de ser, pelo antigo, tributário ao Rei-de-Angola, que êsse foi o intento do Governador e Conquistadores, que assim lho aconselharam ir buscar o mais poderoso, que, com o seu vencimento, ficariam, os mais, fácil a sua conquista.

Tendo tido muitas vitórias e recontros, mostrou bem o valor e fidalguia que o acompanhava, mostrando em tôdas as ocasiões uma grande disposição, como quem entendia bem as cousas da guerra de que era mestre, — causa por que foi mandado a esta conquista pela Católica Majestade, como dito é; e, como as cousas boas não são duradouras, o que o inimigo Quiçama não pôde obrar contra o seu bizarro ânimo, obrou a calamidade da terra, adoecendo da doença, que ela costuma, em que poucos são os que lhe não pagam tributo; e dizem os naturais e habitantes que tem esta terra e sertão de Angola mais um artigo, o qual é: que hão de crer que hão de adoecer.

Afligido o nosso Conquistador, desta doença tam ordinária veio a pagar o tributo a que todos os nascidos estão sujeitos, e com sua falta ficaram perdidas tôdas as esperanças de que aquela principiada Conquista tivesse o fim que se desejava, porque, faltando ou doendo a cabeça, não governam os pés e... todo o mais corpo está enfermo.

43. Nomes de cabos e conquistadores. — Naus holandesas na costa de Angola. — *P. P.*

**C**ontudo, foram obrando com aquele esforçado gentio os cabos e conquistadores antigos, que haviam ido

em companhia do governador àquela Conquista, como eram: João de Velória, Luís Gomes Machado, Baltasar Rabelo, Bento Banha Cardoso, Lopo Soares Laco e outros Conquistadores, que haviam governado em muitas ocasiões de guerra e saído com muitas emprêsas com felicidade, indo guerreando aquela tam áspera Província, sofrendo muitos trabalhos e fomes pela aspereza do terreno e falta de sustento, que não se achava na campanha, com que se alimentarem, pelo gentio inimigo ter tudo retirado no íntimo de seus matos, dilatados e serrados, tirando-nos a vitualha, só a fim de nos impossibilitarem, e até de água tinham falta, o que vendo tôdas estas impossibilidades, a irem por diante com a Conquista, aqueles tam dextros e experimentados Conquistadores, e ser impossível dilatarem-se mais naquela campanha pelas razões ditas, de haverem tido grandes batalhas e encontros, com que haviam feito muito dano àqueles inimigos, que só os grandes matos e barrocais seriam de defesa e alívio, — trataram de se vir retirando, passando o podêr deste outra parte do caudaloso rio Quanza, trazendo em sua companhia aquele nobre cadáver do seu Governador e Capitão Geral, imitando aos filhos de Israel, quando em o deserto caminhavam com os seus governadores e capitães, que tinham largado a vida nas calamidades da guerra e aspereza da terra.

Não há notícias de quem neste tempo succedeu no Govêrno, e só se acham notícias de alguns papéis antigos que na éra de 1602 vieram algumas Naus Flamengas a infestar o pôrto de Luanda e vir gente da Conquista em defesa da terra, sendo capitão-mór da gente de guerra João de Velória; e os mesmos Conquistadores se embarcaram de armáda com o capitão João Álvares Sardinha por cabo e tiveram peleja no mar com as naus flamengas, botando-os fóra da costa, e sem dúvida governava então, por morte do governador João Rodrigues Coutinho, o mesmo João de Velória.

44. No govêrno de dom Francisco de Almeida. —  
P. P.

**D**om Francisco de Almeida veio despachado com o Govêrno dêstes Reinos e suas Conquistas, trazendo em sua companhia grande socôrro de gente de guerra para pros-

seguir a Conquista do Reino de Angola. Não há escritura que diga o tempo ao certo em que veio e foi o seu primeiro provimento; só se sabe por notícias: prosseguiu a Conquista do Sertão; não se especificam as emprêsas que fez, que não podiam deixar de ser conforme à sua fidalguia e valor de seu sangue.

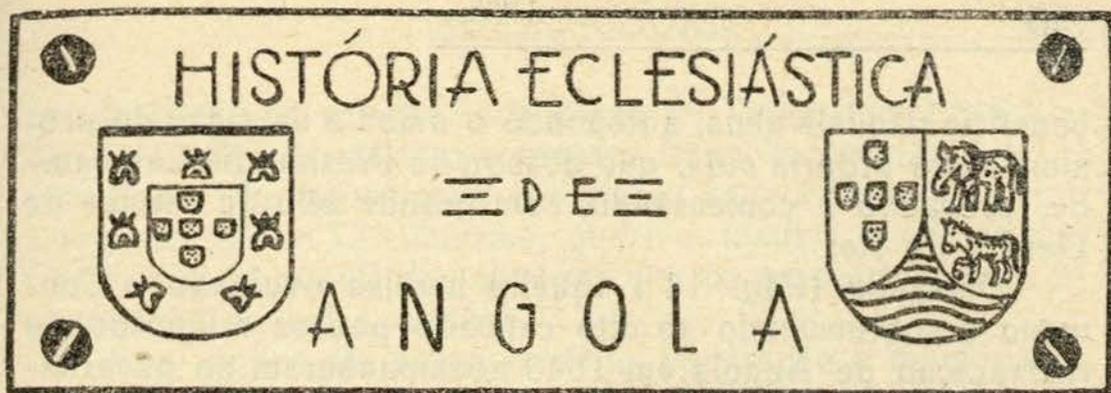
45. No govêrno de dom Jerónimo de Almeida. —  
P. P.

Do mesmo modo carecem as notícias de dom Jerónimo de Almeida, que também governou este Reino sucessivamente. O Cartório, que havia em Luanda, se perdeu todo na entrada dos flamengos em estes Reinos, onde não podia deixar de haver muitas antigualhas.

Em o Livro, já desbaratado, como atrás tenho dito, do Senado da vila da Vitória de Maçangano, se acha estes dois fidalgos haverem governado estes Reinos, mas não se especifica mais. Alguns antigos Conquistadores do tempo de dom Francisco de Almeida davam notícia, por maior de emprêsas suas, que haviam vindo em sua companhia, e contavam de uma em que o mesmo Governador assistiu em um cêrco de uma pedra chamada de Bamba Ampago, onde, depois de haver dado muitos trabalhos ao gentio, se recolheram nela como sua fortaleza, que disse lhes servem as tais pedras que ocupam muito circuito. Sôbre a dita pedra esteve tempos e diziam que anos, saíndo aquele gentio a fazer suas sortidas e das mais terras circunvizinhas, até que, depois de porfiada contenda, a veio a render o valôr e persistência do Governador e o de seus Portugueses; o que não consta de papéis e escritura, se não pode explicar mais; e sendo a Nossa Nação tam inimiga delas que mais tratavam de obrar com as armas do que escrever com a pena, pelo que não dissemos mais destes dois Governos, nem de quem lhe succedeu.

(Continúa).

---



L I S B O A

BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

(Manuscrito n.º 473, côr vermelha — 39 págs.)

MEMÓRIAS  
DO  
CONVENTO DE S. JOSÉ  
DE  
ANGOLA

por frei Vicente Salgado.

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 92)



**E**STANDO MORTALMENTE ferido de uma bala o valente e esforçado capitão João Pegado da Ponte <sup>14</sup>, o padre frei Barnabé da Assunção, que lhe administrava o Sacramento da Penitência, foi ferido na cabeça por um daqueles inimigos; indignado da acção, mas nem por isso o vigilante sacerdote deixou de continuar no caritativo ministério, em

<sup>14</sup> Parece ser êste João Pegado da Ponte o filho de Além Pe-

benefício daquela alma, antepondo o amor e salvação do próximo à sua própria vida, que acabou no Presídio de Cambambe, prègando e confessando, com grande zèlo do serviço de Deus e do Rei.

Deixando (Pág. 14 :) aqueles herejes arruinado o Convento e sobrevivendo ao dito cativeiro poucos religiosos, na restauração de Angola em 1648 acompanharam ao governador Salvador Correia de Sá os mestres frei Luís da Assunção, que tinha lido Teologia e governado o Colégio de Santa Catarina, e frei João da Piedade Fonseca, que, além de ter exercitado os mesmos logares na Ordem, levava carta de Administrador Geral dos Exércitos naquelas partes <sup>15</sup>.

Unidos em sentimentos, êstes sábios e zelosos missionários levantaram novamente a Igreja e Convento, mais elegante e regular que tinha sido a construção primitiva (Pág 15 :), e, seguidos depois de outros fervorosos religiosos, frutificaram a cultura da Palavra Evangélica em abundante colheita <sup>16</sup>.

Por certidão de Luís Álvares de Faria, escrivão da receita e despesa da Capela-Real e sua Ouvidoria, sendo tesoureiros da mesma Ouvidoria João Campelo de Macedo e Estêvam Franco de Carvalho, por despacho do capelão-mór da Real-Capela consta que em 1653 foram quatro missionários para Angola (Pág. 16 :), a quem se mandou dar a costumada ordinária; em 1664, oito; em 1666, sete; e em 1693, quatro,

---

gado da Ponte, da cidade de Elvas, do qual o Senhor Rei Dom João IV, dando conta desta acção ao Marquês de Niza Dom Vasco, embaixador então em França, lhe diz: — Neste bom successo não houve perda de outra pessoa de conta mais que João Pegado da Ponte... (Manuscritos de Luís Montês Matoso).

<sup>15</sup> Os Cronistas antigos dão notícia de ter êste padre composto um pequeno catecismo na língua de Angola. Recolhido ao Reino, foi Definidor e Procurador Geral na Cúria Romana. Vindo desta Capital de volta para Lisboa, foi cativo dos Moiros. Contam as nossas Crónicas que os respeitáveis Cónegos de Santa Cruz de Coimbra nos deram, para ajuda do seu resgate, um escravo moiro, que tinham, em agradecimento ao obséquo de terem os Religiosos do nosso Colégio de S. Pedro recebido com gratidão alguns desses Cónegos, na ocasião de saírem com cruz alçada pela rua da Sofia fóra. No Catálogo dos Escretores escreverei mais amplamente dêste Religioso.

<sup>16</sup> Gubernatis, no II tómo já citado, à pagina 645, número 92: — Dum autem opus ad quod assumpti fuerant, maximo cum fructu, et

por despacho do capelão-mór Bispo de Targa dom Francisco de Sotomaior; e declara o mesmo Escrivão constar dos Livros terem ido muitos mais Religiosos àquela Conquista com zêlo e espírito de Cristianismo, que iam plantar, e que no dito Cartório havia papéis dos serviços que os nossos religiosos tinham feito naquelas missões <sup>17</sup>.

São dignos de nosso respeito, veneração e memória os padres frei Francisco dos Reis e frei Francisco de S. Domingos, que internados no Dongo e na província de Lubolo, ajudando aos fiéis com doutrina e exemplo, rompendo aqueles remotos sertões africanos, prêgando aos gentios as verdades do Cristianismo, — mereceram dar a vida em obséquios da Fé, que ensinavam, e serem pasto daqueles bárbaros antropófagos <sup>18</sup>.

Pelos (Pág. 17:) anos de 1670, o Príncipe do Congo dom Rafael e o seu tio o Duque de Bamba buscaram o favor e amparo do Governador de Angola Francisco de Távorã, que sucedeu a Tristão da Cunha.

Havia usurpado àquele Príncipe o Trono o Conde de Sonho e pedia ao nosso Governador o seu patrocínio e amparo, pela boa aliança de sua antiga família.

Consultado o negócio com os cabos e oficiais inteligentes e conhecedores do País, foi encarregado o mândo do exército ao valoroso João Soares de Almeida.

---

illarum gentium consolatione prosequuntur; proh dolor! invidens sancto profectui humani generis hostis, ut indefessos Christi operarios a viniae cultura depelleret, Batavos haereticos adduxit paulo post, qui civitate armis occupata, conventum istum prae reliquis aedificiis ad fundamentum usque reduxerunt in cineres. Sed quae contra Deum Sapia? Recuperata citius per Lusitanorum fortitudinem insula, simul et civitate, P. Joannes a Pietate, ejusdem Ordinis et Provinciae Tertiariorum è Portugallia, in Luandam evocatus, ultro-neis Insularium et aliorum populorum eleemosynis adjunctus sub D. Salvatore Correa de Saã, urbis Governatore, Conventum non inodo ex integro restauravit, sed et in elegantiore a prima formam adduxit.

<sup>17</sup> Nos Excertos das Coisas da Congregação, que deixou manuscritos o Cronista frei Francisco Garcês, consta haver no Cartório de Lisboa esta certidão autêntica.

<sup>18</sup> O citado Governatis, II tōmo, à página 645, número 93, continua: —Nec tamen absque sanguine potuerunt suas in Angolae Regno consignare Missiones, dum etenim, jam regnante in Lusitania Joanne

Acompanharam os nossos Religiosos aquele chefe e comandante que, vencendo e tirando a cabeça ao dito Conde de Sonho, firmou o Príncipe dom Rafael no trono de seus pais.

Seguro da vitória, se recolhia (Pág. 18:) em triunfo à Luanda, mas, tendo passado o rio Ambris algumas companhias de mosqueteiros, num refôrço de tropas que vinham em socôrro do defunto Conde, deram em o resto da demais gente que desbarataram, morrendo o comandante João Soares de Almeida com o capelão-mór do exército frei Inácio Furtado, e o padre frei José do Pôrto, religiosos do Convento de S. José de Luanda.

Foi mais feliz nos sucessos da guerra Luís Lopes de Sequeira, no mesmo govêrno de Francisco de Távora, a quem também acompanharam os nossos padres frei António e frei Diogo da Silva.

A perda de João Soares de Almeida tinha feito atrevido e confiado a dom Filipe, rei de Dongo ou das Pedras.

Depois de um continuado assédio de meses, venceu Luís Lopes de Sequeira aquele Príncipe, fazendo prisioneira tôda a família real e ao terror daqueles povos dom Diogo, irmão do rei, que, fugindo da batalha, se valeu da protecção de Gusa Ambambe, soba do Lubolo, chamado dom Luís António.

Temu este as ameaças do Governador e entregou o Rei de Dongo dom Filipe aos soldados que o pediam em nome

---

IV ad fortiter agendum pro Christo se invicem sancta aemulatione provocarent, duo Christi praecones Fr. Francisco a Regibus et Fr. Francisco a S. Dominico, cum oneri suo se satisfacisse non crederent, in oppidis annunciando S. Evangelium, ad montana progredientes, illos etiam, qui omni procul ab humanitate ferarum more viventes etiam (ut notavit Jarricus) carne vescuntur humana, procurabant sanctae praedicationis efficacia ad humanitatis leges, et Christi fidem adducere, donec ab aliquibus correctionis impatientibus aggressi, et male habiti, ab irruente post modum turba dilaniati fuerunt, et immanissime devorati; mortem suam, quam non praevidere non poterant, pro aeterna illorum salute non dubitarunt obire.

O Padre Frei Francisco de S. Domingos, natural de Penamacor, professou nesta Congregação para o estado humilde de Leigo; e, desejoso da salvação das almas, aprendeu latim, foi sacerdote e pregador, levando a palavra evangélica aos sertões de Angola; recebeu aí a coroa do martirio que o Senhor lhe tinha preparado.

de Francisco de Távora; mas, a instâncias do atrevido e infelice Rei, inconsideradamente lhe tiraram a vida; entrando o comandante Luís Lopes de Sequeira com o seu exército cheio de triunfo, e os nossos Religiosos, que o acompanharam, falecendo depois (Pág. 19:) naquele Convento de S. José, cheios de serviços e merecimentos de que se faz digna esta lembrança <sup>19</sup>.

Vou fazer particular lembrança de alguns dos sujeitos que honraram aquela Casa, com a brevidade que me propus.

O respeitável frei Belchior dos Reis, varão de suma dignidade e de avultados merecimentos por suas virtudes e qualidades, faz grande honra ao Convento de Angola, onde descançam seus ossos em paz.

Nasceu na cidade de Lisboa <sup>20</sup> e professou, em Coimbra, o Instituto da Terceira Ordem em 3 de Janeiro de 1622. Depois de embarcar em as naus de guerra para a Índia, desempenhando as obrigações de Confessor, Instrutor e caritativo Enfermeiro, passou à América, na companhia do capelão-mór frei Mateus de S. Francisco.

O espírito e zêlo da honra de Deus o fazia acompanhar as aflitas gentes de Pernambuco, ajudando aos nossos soldados com as vozes e exemplos; pois em 1634, na trincheira chamada de Nuno de Melo, mostrou seu intrépido ânimo o Santo Frei Belchior (Pág. 20:), pois com um dardo nas mãos matou a quantos feria, e feriu a quantos alcançou, sem que bala nem ferro inimigo lhe ofendesse o menor pêlo do hábito <sup>21</sup>.

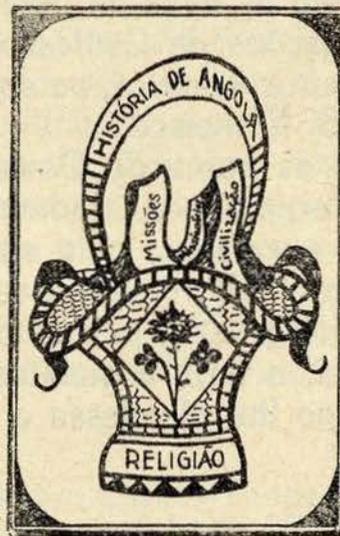
<sup>19</sup> Constan estas noticias de um manuscrito que se acha no Cartório do Convento de Lisboa e dos Excertos do Cronista Garcês, armário I, casa 5.<sup>a</sup>, pasta I, n.º 7.

<sup>20</sup> O mesmo cronista frei Francisco da Conceição Garcês diz, nas suas Memórias para a História desta Congregação, que, examinando o Livro das Entradas e Profissões de Coimbra, encontrara o termo da Profissão deste Religioso, natural de Lisboa, e não de Coimbra como se encontra e ser filho de António Moreira, Meirinho do Santo Officio de Coimbra e de Leonor Cardoso.

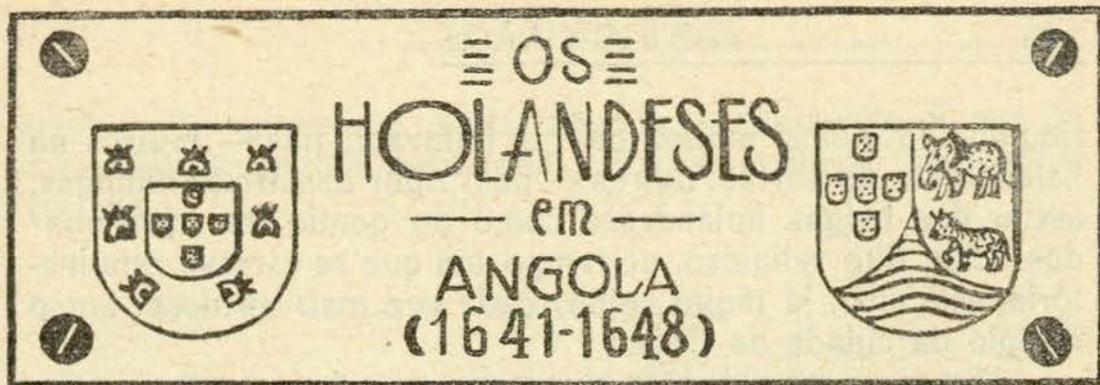
<sup>21</sup> Castrioto Lusitano. Parte I, l. 3, p. 78. n.º 44. — «Em defesa da trincheira mostrou o padre frei Belchior dos Reis, religioso da Terceira Ordem de S. Francisco, o quanto importara que os soldados foram religiosos, pelo muito que a virtude anima e guarda. Com um dardo nas mãos...»

Ainda em 1635, era êste Padre fiel companheiro daqueles Povos que animava com o exemplo e instrução e conselhos contra o exército do general holandês Sigismundo Schkoppe, não desamparando no Fôrte da Nazaret ao Governador André de Moraes, em tempo tam calamitoso, que todos os da praça se alimentavam de insectos e outras viandas semelhantes; e, exposto aos perigos do mar e assaltos do inimigo, levou em 1635 as Cartas de Aviso ao General Matias de Albuquerque, nas circunstâncias mais críticas daquele Estado <sup>22</sup>.

(Continúa).

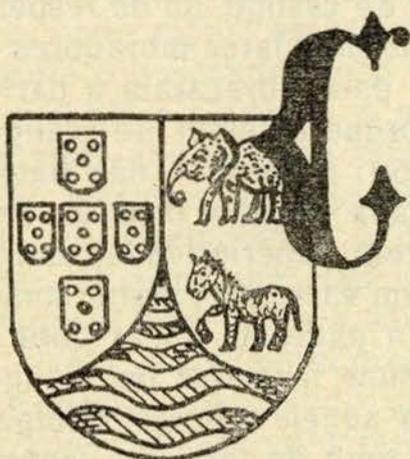


<sup>22</sup> Memórias do Conde de Pernambuco, fol. 191. — «*Memorias diarias de la guerra del Brasil*» — escritas por Duarte de Albuquerque Coelho, Madrid, 1654 : — «Avisó el Governador duplicadamente al General, de los pocos dias, o horas que se podria defender. Uno destes avisos llegó por el Padre Fray Belchior de los Reys... Junio 15, 1635».



(Continuação da pág. 76)

49. — Nova calamidade!!!...



CONTINUAMOS A NARRAÇÃO de Oliveira de Cadornega, tam triste mas tam patriótica: jámais faltou a coragem à gente portuguesa.

As senhoras, umas viúvas e outras com os maridos presos, deram um belo exemplo também nesta calamidade.

« Bem conheciam que o Açoite de Deus o tinham ainda sôbre si, pois, quando se consideravam

mais favorecidos de Céu, então se viam em maiores aflições.

Lembrava-lhes uma como Profecia predita por um Religioso da Companhia de-Jesus, pessoa de grande virtude por nome o padre João de Paiva, que havia agora sido aprisionado como os mais Religiosos da sua Ordem em a Rota presente, o qual tinha pronosticado, fundado — diziam — em uma Profecia de Esdras, em que 7 anos havia de durar o castigo de Deus em os Reinos-de-Angola, e que nenhum morador dos antigos veria a terra restaurada nem tornariam à cidade, seus filhos — sim; o que elles haviam já vendo e expe-

rimentando pelos muitos que já faltavam, uns — mortos na calamidade do sertão, outros — pelo rigor das armas inimigas, assim dos belgas holandeses como do gentio, ou aprisionados. Êste dito religioso, no tempo em que se escreve esta história, está vivo, já muito velho, cada vez mais virtuoso, em o colégio da cidade da Baía.

Vendo-se os cidadãos e moradores e mais gente particular em esta tam urgente necessidade, se foram com tôda a brevidade aprestando para irem a experimentar o rigor do sertão e aspereza dos matos, por serviço do seu Príncipe e conservação dêstes seus Reinos, por se não verem sujeitos a uma nação tam contrária à nossa em Religião, querendo antes padecer trabalhos e misérias, morrendo pelos matos, do que perderem a fé e lealdade devida a el-rei de Portugal, firmeza que em poucos Vassallos como os de Angola se tem achado, porque muitas vezes nasce de uns Vassallos se não meterem com inimigos, ou de temor de castigo, ou de respeito devido a quem governa; mas êstes singulares moradores e cidadãos, estando em sua liberdade para abraçaram a parte que mais a cônto lhes estivesse, porque o temor de castigo não tinham de presente de quem o ter, respeito — não havia pessoa a quem o devessem, pois faltava naquela ocasião, em que estavam, quem os dominasse com superioridade, assim que tôdos êles vinham a ser iguais em vara, que, assim como tomavam a derrota para os matos, a puderam tomar para a cidade ou deixarem-se estar em suas fazendas do Bengo como estavam, que assim os aceitara aquele inimigo, e folgava muito, que era o que desejava para de todo ser senhor dêstes Reinos e se perpétuar neles, — assim que ninguém lhes pode negar serem e haverem sido a *plus ultra* da Lealdade Portuguesa.

Foram-se os ditos cidadãos e mais gente congregando-se uma à outra, com as tristes viúvas e desamparadas com suas famílias, que a umas lhes haviam morto seus maridos e a outras aprisionado, fazendo um corpo forte, com suas mulheres e famílias, comboiando por seus escravos alguma coisa do pouco que possuíam, ajuntando-se algumas famílias, para assim irem acompanhadas; outros tomaram outros caminhos, mas todos com a proa para a vila da Vitória de Maçangano, velhacouto de seus trabalhos, ainda que sítio doentio, mas, tal

qual é, se guareciam e sustentavam naquela vila, à voz de El-rei nosso senhor dom João IV, e conservação dêstes seus Reinos.»

#### 50. — De novo, em Maçangano

Certamente, podíamos fazer um resúmo do que escreveu Cadornega, mas seria tirar a esta narração certo sabor próprio ou típico, de nossa parte.

— «O morador e conquistador antigo Rui Pegado, que, no principio da Rota, dissemos, se viera retirando com alguma gente, foi também recolhendo e ajuntando o mais que pôde com a frente à Maçangano, em que o ajudou nesta condução um soba por nome Angola-Quiaito, da lotação da capitania e fortaleza de Maçangano, que nesta ocasião se mostrou leal vassalo, indo com sua gente desde o Gango e barra do Bengo, onde estava assistindo ao governador, amparando a nossa gente e buscando-lhe o sustento pelo caminho, por serem alguns dêles soldados e gente pobre; e, como viam ir em sua guarda aquele soba tam conhecido dos mais do seu lote, se não atreviam, os que estavam pelo caminho, a executar nos nossos Portugueses o que desejavam, até que chegaram em paz, se bem que com trabalhos, à Maçangano, acaudilhados daquele bom velho e soldado antigo Rui Pegado.

Os mais moradores vieram chegando como puderam e se foram guarecendo com suas famílias em as paragens e arimos que na outra retiráda lhes haviam servido de aposentadia e estalagens».

#### 51. — Intrigas políticas...

Com a falta do governador, começou a haver, entre tantos trabalhos e misérias, alterações sôbre quem havia de governar.

O Capitão-mór, que então era da fortaleza e capitania de Maçangano por El rei — André da Fonseca Gomes já dispndia ordens como quem lhe parecia; procedia a tudo, mandando ao Capitão e Cabo do Quanza: lhe viesse dar vénia,

no que não foi obedecido; o Capitão-mór Vicente Pegado da Ponte, irmão do bom velho Rui Pegado, como compatriota daquela Vila, que tinha muitos da sua parte, se fazia já investido no govêrno; os mais cidadãos e moradores do Reino tinham a mira posta em António de Abreu de Miranda, que se achava com bastão de capitão-mór, que havia ficado com um troço de gente, depois que sucedeu o desbarato do Mato chamado Libunzo, à opposição daquelle soba Nâmboa-Angongo.

Pudera dizer-se nesta ocasião o que dizia um poeta Castelhanao :

En el tiempo de los Godos,  
Quando non avia Rey en Castilla,  
Cada qual quiere ser Rey  
Aunque le coste la vida.

Ainda que a pretensão de cada um não era para reinar, era ao menos para quem em seu logar tem as suas vezes e se respeitam suas ordens e se guardam seus mandatos como de superior, chegado que foi àquela Vila o capitão-mór António de Abreu de Miranda — todos lhe deram a bem-venida, e o aplaudiram com título de capitão-mór, com podêres de governador, salvo Vicente Pegado que ainda estava nos seus treze, como lá dizem, mas cedeu da sua opinião ou por força ou de vontade, com que ficou Governador o dito António de Abreu de Miranda, em ausência do Governador e Capitão Geral Pedro César de Meneses.

(Continúa).

---



(Continuação da pág. 112)

## Relação de Sementes

POR

Joaquim José da Silva

50.º Nbôndo, Múcua, ou, em português, Embondeiro. A sua estatura é das maiores árvores conhecidas : a sua casca veste grande parte dos Naturais do país, e principalmente os Quiçamas, habitantes ao sul do rio Quanza ; esta mesma casca dá excelentes buchas à Artelharia ; o seu tronco serve de reservatórios de água naquela província, e horríveis calabouços, aos delinquentes. As suas sementes, comem-nas os Naturais, em ocasiões de carestia, e igualmente a pôlpa ou farinha que as envolve. Finalmente, o seu fruto ou Cápsula é, mesmo nesta cidade, uma vasilha útil na economia doméstica ; nela se recolhe o leite do gado de que aqui há currais.

51.º Planta que sabe e cheira perfeitamente ao Cravo da Índia. E' uma espécie de Melissa, o que melhor examinarão os Botânicos, caso propague a semente ou o Espécime que se remete vivo, notado com este mesmo N.º (51).

52.º Cólá <sup>1</sup>, Esta semente que o é de uma grande árvore dêste Reino, que tem o mesmo nome, dá-se em grandes síliquas, acomodadas e arrançadas como castanhas; cujas flores não foram ainda aqui examinadas. Comem êstes Habitantes e Naturais a dita semente, não só como estomacal, mas para disporem o palato a melhor sabor da água, mesmo salobra, de que abunda êste país. E desta sorte passaram a habituar-se a mastigar êste fruto tanto que, sem êle, não passam e com êle se brindam recíprocamente, e fomentam a amizade. O Gentio do Norte com êle entretém a falta de outro alimento.

53.º Gingongôno (Rhamnus Lotus). Esta planta, que cobre grande parte do território desta cidade, e de outras províncias situadas nas vizinhanças do Mar, produz lindos e cheirosos Jasmims com assaz de semilhança com os nossos, mesmo na espécie de cheiro; fazendo-se ainda mais apreciável pelos seus frutos que se comem, e, por isso, se vendem na Ribeira desta cidade; são de bom sabor, e tingem como as amóras. (Não se cultiva, nasce espontâneamente).

N. B. — Ao presente, não é o próprio tempo dêste fruto, de que só foi por ora possível colher os poucos que vão mergulhados em arêa fina, em que se desfaz parte do montanhoso fundo do Bairro-Alto da mesma cidade. Em outra ocasião, irão áptas a se disporem, colhidas a tempo próprio.

**Ofício remetido ao Dr. Vandelli,  
em Novembro de 1803**

*Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.*

*Depois de haver fechado o Ofício N.º 32, que compreende a Relação das Sementes que nesta ocasião remeto,*

---

<sup>1</sup> Êste nome *Cólá*, adoptado por êstes Colonos, é dos habitantes de Bissau, e Cabo-Verde, onde há duas espécies dêste fruto, cujo nome aqui é *ri-quêzo*, no plural — *ma-quêzo*.

*em consequência do Aviso de 11 de Outubro do ano próximo passado, oferece-se demais uma pequena Mangueira, a qual vai em Caixão notado com o N.º 53 ; cuja espécie, se vier a produzir na Europa, me persuado : terá a preferência sôbre as melhores frutas do mesmo país.*

*Deus guarde à V. Ex.<sup>a</sup> São Paulo da Assunção de Luanda, 1 de Agosto de 1803.*

*Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup>. Sr. Visconde de Anadia.*

*D. Fernando António de Noronha.*

---

## ADVERTÊNCIA

Na nossa primeira Série, às páginas 197-202, ficou publicado um artigo com êste título ou cabeçalho — *História Natural Angolana, Colheita e remessa de Produções dos três Reinos* — que, de caso bem pensado, dedicámos ao nosso Amigo Sr. Dr. Luís W. Carrisso, um dos técnicos que tem pela Flora Angolana amor apaixonado.

Como sabem os nossos Leitores, todos aqueles trabalhos ou artigos de investigação histórica eram por nós escritos no Presídio da Muxima, longe de Luanda, só com o recurso de uns incompletos apontamentos, que tínhamos colhido em leituras ligeiras.

Apenas sabíamos, em razão do que escreveu Lopes de Lima, que em 1783 fôra mandado, para Angola, de Lisboa, com o cargo de secretário, o naturalista Joaquim José da Silva, mas dessa missão, ou encargo, náda acháramos nos arquivos de Luanda, que se encontravam, então, amontoados nas enxovias da Cadeia-Velha.

O nosso referido artigo foi escrito em Outubro do ano de 1932.

De facto, pela curveta *Nossa Senhora da Conceição e S. Bento*, que saiu do pôrto de Luanda a 5 de Novembro de 1791, o governador Manuel de Almeida e Vasconcelos fez para Lisboa a remessa de certos produtos naturais, que o naturalista Joaquim José da Silva havia colhido e classificado: peixes, conchas, minerais, objectos gentílicos, pássaros...

Nesse nosso artigo, com certa malícia... objectiva e subjectiva, (e que, como queríamos, não agradou a certos e determinados *funcionários* de Angola), frisámos que era para lamentar que, na Colónia, a técnica agrícola fôsse apenas... burocrática, a ponto de que a nossa indigência intelectual era assim tam franciscana que... tínhamos de contratar estrangeiros, para tais serviços!!!...

Aquelas nossas linhas, que podem ler, ou reler, à página 202 da nossa I série, e que são carga bem pesada, não como chumbo mas como ouro, — elas fizeram cair sôbre a nossa cabeça uma abundantíssima fuzilaria de... coriscos, que não nos mataram, nem nos estropearam, como vêem, pela simples razão de que nos defendia um afinadíssimo e poderosíssimo *para raios* — a VERDADE, dura e triste.

Com o que temos publicado nas páginas modestas da nossa revista «Diogo-Caão», fica patente que, antes da viagem científica do dr. Frederico Welwitsch, que andou por Angola de 1853 a 1861, já os Portugueses tinham feito estudos não só da Flora de Angola como da Fauna e Etnografia; não é?

O próprio Cadornega, no III tómo das *Guerras Angolanas*, dá-nos informações curiosas de muitas plantas e de muitos bicharocos tropicais.

P. P.

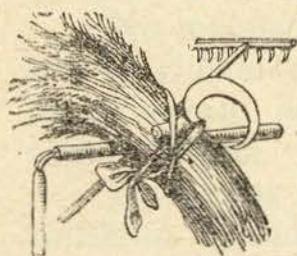
---



— Que divórcio profundo se verifica sempre entre estas duas mentalidades: a do colono recém-chegado, ou da autoridade instável, da dos colonos que, por longa residência, se fixam, e dos descendentes !...

\* \* \*

## Edições... críticas



DO LIVRO PORTUGUÊS DE MARINARIA, escrito antes de 1505, — «*Esmeraldo de situ orbis*» — por Duarte Pacheco Pereira, já existem duas edições: uma — de 1892 e arranjo do paleógrafo Rafael Basto; outra — do gramático ou filólogo Epifânio da Silva Dias, publicada em 1905 no «*Boletim*» da Sociedade de Geografia, de que se fez volume, em separata.

Os dois trabalhos, infelizmente, deixam muito a desejar: a edição crítica e anotada desta importantíssima obra científica e histórica devia, ou deve ser feita, por exemplo, por um técnico ou marinheiro, que conheça não só *de visu* as costas africanas, como também a ciência náutica velha e antiga. Como sabem, o malogrado dr. Luciano Pereira da Silva tinha em projecto uma

edição crítica do *Esmeraldo*: ciência e competência — não lhe faltavam, e em elevado grau, e delas, por vezes, deu amostras concretíssimas.

\*

Para desfazer, ou rebater, as falsidades e calúnias do missionário inglês David Livingstone, o então ministro da marinha e ultramar — Mendes Leal — encarregou dêsse trabalho, de grave responsabilidade, o padre dom José de Lacerda, que, em 1867, publicou, em grosso volume, o *Exame das viagens do dr. Livingstone*.

Quanto aos elementos e argumentos de defesa, o livro é fraquíssimo: o autor, infelizmente, defendeu mal uma bela causa!

Mais outra vez o dizemos: os Documentos da História da Colonização Portuguesa em Angola e Moçambique, porque dormem nos arquivos e bibliotecas, êles não têm valor, nem nacional, nem internacional... assim amontoados.

Dez./1935.

Padre RUELA POMBO.

---

### **Os ossos de Salvador Correia, outra vez...**

(Continuação da pág. 127).

Não faltará quem diga que já somos impertinente ou incómodo com estas nossas notas e comentários: pouco importa...

Tem a palavra o dr. Alberto Lamego, brasileiro, que, a respeito dêste assunto, diz o seguinte no seu livro *A Terra Goitacá*:

— «Falecendo (Salvador Correia) em 1.º de Janeiro de 1688,

foi sepultado na Sacristia (que comprou) do Convento de Nossa Senhora dos Remédios dos Frades Carmelitas de Lisboa.

O convento, que fôra antes aproveitado para caserna, pertence hoje (1913) aos presbiterianos que o compraram ao governo, em hasta pública.

Os túmulos do general e de sua mulher foram arrombados e as suas cinzas desapareceram.

Até há pouco tempo, existia atirada a um canto da sacristia, hoje em ruínas, a lápide que fôra arrancada do seu sarcófago e que continha a seguinte inscrição :

«Aqui jaz Salvador Correia de Saa e Benavides, senhor do couto de Penaboa, e das vilas de Tanquinhos, e Arripiada e Acêca, restaurador da Fé de Cristo nos Reinos de Angola, Congo, Benguela, S. Tomé, vencendo os Holandeses ; e comprou esta sacristia com missas e sufrágios perpétuos. Pede, a quem ler êste letreiro, o encomende a Deus.»

Em 1910, percorremos todos os recantos do velho casarão em busca desta lápide. Era nosso intuito adquiri-la e transportá-la à sua terra natal, onde talvez não fôsse tam esquecido.

Infelizmente, já havia desaparecido também, podendo então verificar que os logares, onde antes estavam recolhidos os sagrados despojos do Restaurador de Angola, tinham sido transformados em viveiro de coelhos !!!

Francisco Adolfo Varnhagen, à página 465 do II tómo da I edição da sua *História Geral do Brasil*, Madrid, 1857, dá a inscrição do sarcófago de Salvador Correia.

No manuscrito número 429 do fundo geral dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, em que se dá notícia do Convento dos Remédios, não consta a sepultura de Salvador Correia.

Os nossos comentários podem não agradar, mas ficamos satisfeito quando, ao lado da razão e da justiça, pomos a nossa consciência de padre católico e de cidadão português.

(*Con'inúa*)

P. P.

### **○ médico Lima e Quina**

Em 29 de Abril de 1827, faleceu na cidade de Luanda o dr. físico mór Francisco José Maria de Lima e Quina.

Era casado em Lisboa e recebeu os últimos Sacramentos.

Foi sepultado, como consta no Livro I de óbitos da Igreja da Conceição, à folha 124, no Hospício de Santo António dos Religiosos Capuchinhos Italianos.

Se a memória não nos engana, êste médico Lima e Quina foi hóspede das prisões em Lisboa, como político liberal, antes de seguir para Luanda.

P. P.

### Dr. Miguel Augusto Jordão da Veiga

O dr. Jordão da Veiga foi, em Luanda, um mártir da Ciência: morreu herôicamente no seu pôsto.

*Causa mortis*: febre amarela.

O assento está lavrado no Livro n.º 2 de óbitos da Igreja da Conceição, à folha 50, v.

Faleceu a 9 de Fevereiro de 1862, tendo recebido os últimos Sacramentos.

Era viúvo e natural de Vila Viçosa, do Alentejo.

Foi sepultado no Cemitério Público, no dia 10.

O seu entêro foi feito pela Irmandade de Santa Cruz dos Militares.

No Livro n.º 54 de Sepulturas, que existe no Arquivo Municipal de Luanda, o talão do bilhete de enterramento é 5 494.

Como já ficou escrito às páginas 56 e 57 da nossa II série, neste ano de 1862 foram em Luanda também vítimas da febre amarela ou vômito negro o bispo dom Manuel de Santa-Rita de Barros e os cônegos António Firmino da Silva Quelhas e Tomás de Aquino Pinheiro Falcão.

P. P.

### Mais três óbitos...

A 2 de Novembro de 1836, faleceu no Presídio de Pungo-Andongo o doutor físico José de Melo, como consta à folha 9, verso, do livro n.º 2 de óbitos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pungo-Andongo.

— A 6 de Abril de 1851, faleceu na cidade de Luanda o Cirurgião do Batalhão de Linha — António José Vieira, com idade de 50 anos, como consta à fôlha 162 do livro n.º 1 de óbitos da Igreja da Conceição.

— A 18 de Janeiro de 1855, faleceu na cidade de Luanda Francisco António Freire, cirurgião de 2.ª classe, com 43 anos, como consta à fôlha 4, verso, do livro n.º 2 de óbitos da Igreja da Conceição.

Não vale a pena repetir que os médicos... também morrem em Angola, uns — novos e outros — velhos.

P. P.

### **Os «Ensaíos» de Lopes de Lima**

Em 1839, appareceu em Paris, editada pela Imprensa Real, uma obra com o título — *Notices statistiques sur les Colonies Françaises, imprimées par ordre de Mr. Amiral Baron Duperré, Ministre Secrétaire de l'Etat de la Marine et des Colonies.*

Vimos ou encontrámos esta informação às páginas 41-44 do tómo V das «Obras Completas» do Cardeal Saraiva, Lisboa, 1875.

\*

Também em 1839, appareceu em Londres a obra — *Statistics of the British Empire* — by R. Montgomery Martin Esq., que Lopes de Lima cita mais de uma vez, e de que existe um exemplar na Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa.

\*

Certamente, foi por estas razões políticas que o ministro Joaquim José Falcão encarregou Lopes de Lima de formalizar a Estatística das nossas Províncias Ultramarinas.

A Portaria de 15 de Maio de 1844, que comissionou dêste

serviço Lopes de Lima, está publicado no *Diário do Governo* de 26 de Junho de 1844, na parte oficial ou seja à página 775.

Das *Notices Statistiques sur les Colonies Françaises* tratou em 1841 o Visconde-de Santarém à página 65 da «Memória sobre a Prioridade dos Descobrimentos Portugueses na costa da África Ocidental», e em 1842 à página 73 das *Recherches*.

P. P.

---

### Com. Paço-de-Arcos

Com a morte do Senhor Comandante Henrique Monteiro Corrêa da Silva, perdi, além de um bom Amigo, um leal e generoso Conselheiro.

Na manhã do dia 3 de Novembro, próximo passado, lá estive na modesta casinha da rua de S. Ciro a prestar a minha sentidíssima Homenagem ao brioso e valente Marinheiro, ao distinto e honrado Colonial.

As nossas relações de amizade começaram em 1928 na Ilha-de-Luanda e sempre se foram intensificando, através de meus *estudos* pelo sertão da Quiçama e margens do rio Quanza.

No meio das estúpidas perseguições, que sofri em Angola, foi sempre meu justo defensor.

Os embaraços, com que se me impedia em Luanda a publicação desta revistinha, o saudável e respeitável Com. Paço-de-Arcos — pelo seu prestígio os fez desaparecer todos.

P. P.

---

## **Festa de Quinze-de-Agosto**

Porque recordar — é viver, aqui vamos dar um documento antigo, relativo à Festa da Assunção de Nossa Senhora, em Luanda:

N.º 78. 16 de Agosto de 1791.

— PORTARIA para se levar em cõta ao comandante do Penedo — Paulo Martins Pinheiro de Lacerda 34 libras de Pólvora que despendeu na Sálva do dia da Assunção de Nossá Senhora:

Ao Sargento-Mór comandante da Fortaleza de S. Francisco do Penedo — Paulo M. P. de Lacerda se levarão em cõta 34 libras de Pólvora com que se carregaram 15 peças de artilharia que se descarregaram na Sálva do dia da Assunção de Nossa Senhora. — Luanda. — Com a Rúbrica de S. Ex.<sup>a</sup>.

Pelas notícias, que lemos nos jornais de Luanda, o Quinze-de-Agosto dêste ano de 1935 teve lá a condigna comemoração, religiosa e cívica.

Até S. Miguel andou em procissão pelas ruas da Cidade, o que bem merece.

*P. P.*

## **Cabido de Luanda, em 1763**

No códice número 549, de marcação vermelha, da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, existem uma Petição, uma Relação, e vários Despachos relativos aos Cónegos da Sé Catedral de Luanda, e por êstes Documentos se vê quais os vencimentos que recebiam, a saber:

— Cõngrua do segundo quartel, vencido, do primeiro de Abril até o último de Junho de 1763:

Deão Francisco da Rosa Coutinho vence 30\$000.

Chantre Luís de Sousa Magalhães, 30\$000.

Arcediago António de Almeida, 30\$000.

Mestre escola Manuel Gomes, 30\$000.

Tesoureiro-mór José de Matos Moreira, 30\$000.

Doutoral Manuel de Sousa Magalhães, 25\$000.

Cónego Caitano Rodrigues, 25\$000.

Cónego Gonçalo de Gouveia Leite, 25\$000.

Cónego magistral Caitano Francisco, 25\$000.

Cónego prioste João Velho de Barros, 25\$000.

Cónego Francisco Xavier Neto, 25\$000.

Cónego Baltasar Luís, 25\$000.

Cónego Penitenciário Sebastião de Abreu, 25\$000.

Cónego Manuel Moreira vence, de vinte e um de Junho até o último, 2\$770.

Sub-chantre Francisco de Sousa, 22\$500.

Mestre de cerimónias António Moreira, de 16 de Junho até o último, 2\$043.

O capelão Xavier Vandúnem, 10\$000.

O capelão Gaspar de Barros, 10\$000.

O capelão Manuel António, 10\$000.

O capelão Joaquim Carvalho, 10\$000.

O moço de côro Joaquim Gomes, 3\$756.

O moço de côro José Barros, 3\$756.

\*

A questão foi muito discutida, isto-é, o governador António de Vasconcelos, o Procurador-mór da Fazenda e mais outras autoridades foram demorando o pagamento, porque era «notório e constantíssimo que nem todos satisfazem o onus por que se lhe deve o pagamento, deixando alguns de residir absolutamente sem causa justa»...

Afinal, o Cabido, apoiado na Provisão de el-rei d. João V, de 30 de Outubro de 1739, ganhou a questão.

A sentença foi dada pelo ouvidor geral dr. Manuel Pinto da Cunha e Sousa, aos 4 de Julho de 1765.



## «DIOGO-CAÃO»

---

(Continuação)

60)

Publicou-se o n.º 4 — III série — da revista ilustrada de assuntos históricos angolanos «DIOGO CAÃO», fundada, dirigida, redigida, administrada e editada pelo rev. padre Manuel Ruela Pombo, missionário aposentado de Angola e habilitado com o curso superior de bibliotecário-arquivista.

Tem o sumário seguinte este número, que temos presente:

*O eco que em Angola teve a Revolução de 1820. — O agitado José Anastácio Falcão. — Vida do bispo d. Francisco de Soveral, sua feliz morte e trasladação. — Medicina Indígena Angolana. — Relação de sementes. — Os ossos de Salvador Correia. — Palavras amigas. — Despotismo ve ho e antigo. — A estrada à beira-mar, de Luanda à cidade de Moçâmedes. — Ruínas sagradas de Maçangan. — Angola... cubiçada. — Política colonial da Ditadura-Salazar.*

Deve repetir-se o que, por mais de uma vez, a propósito da «DIOGO-CAÃO» aqui escrevemos: — trata-se de uma publicação em que se recolhem documentos de grande importância para a história de Angola — tam pouco conhecida e tam deturpada.

(Do diário *A Voz*, de Lisboa, no número de 9 de Novembro de 1935).

---

61)

Recebemos o fascículo n.º 4 da III série desta revista ilustrada de assuntos angolanos, dirigida pelo paciente e tenaz investigador sr. P. Ruela Pombo. Insere artigos muito curiosos, como a biografia

do bispo de Angola d. Francisco de Soveral, notas sôbre a medicina indígena, relação de sementes angolanas e seus préstimos e usos, etc.

(Do diário *A Voz*, de 19 de Dezembro de 1935, na secção *Bazar das letras, das artes & das ciências*).

62)

Recebemos os números 2 e 3 da III série da revista «DIOGO-CAÃO». Nesta «revista de estudos históricos angolanos» continua o sr. Padre Ruela Pombo a publicação de interessantes documentos relativos à nossa Província de Angola. Os presentes fascículos ocupam-se especialmente dos seguintes assuntos :

*Os Holandeses em Angola ; Medicina Indígena* (com a publicação de curiosíssimas receitas de interesse etnográfico) ; *História geral das guerras angolanas ; História eclesiástica de Angola ; As lutas liberais em Angola*, etc.

(Da revista *Portucale*, à página 190 do vol. VIII).

---

**Sumário** do nosso número 6, que tencionamos publicar em Abril de 1936 :

Brilhantes páginas da história militar de Angola ou a batalha de Ambuila, travada a 29 de Outubro de 1665. — A morte do Rei de Congo d. António ; exéquias solenes ; hõnras fúnebres ; entêrro imponentíssimo da cabeça real na Ermida da Nazaret de Luanda. — Os governadores de Angola d. Manuel Pereira Forjás, Bento Banha Cardoso e António Gonçalves Pita. — O Convento Franciscano de S. José. — Manuscritos angolanos. — Ainda os ossos de Salvador Correia... — Funcionalismo histórico. — As lútas liberais em Angola. — Orçamento de Angola, em 1776. — Alexandre Herculano, colonial.

---

Assinantes generosos, que pagaram já a III série :

Ten. Coron. Ernesto Amaro — Mafra.

Eng. Henrique Vieira — Lubito.

Mr. J. Cuvelier — Bélgica.

C. R. Boxer — Londres.

(Continúa).